

## Índice

Palavras prévias	11
Para onde vai a luz quando se esconde?	13
Amor do longínquo, obediência à proximidade	17
A escada, o raio e a serpente	39
Confissão de uma estranheza, 1.º Episódio: Respiração boca-a-boca	63
Confissão de uma estranheza, 2.º Episódio: Um quarto vazio cheio de luz	67
Línguas perfeitas e línguas imperfeitas	73
O terceiro incluído	77
Tímida audácia	87
Dia alegre, dia pensante, dias fatais	93
Virgínia e Nova Inglaterra	111
Sobre o génio. Motivos soltos	137
Sobre a beleza	145
Relação da palavra beleza em <i>A Faca não Corta o Fogo</i> de Herberto Helder	151
A deusa das pessoas vivas	163
Vivo, moribundo, morto	175
Motivos obrigados	179
Deitar fogo ao branco	207
Com a voz torva e sem arrependimento	211
A diferença entre assistir à morte e exercitar-se na morte	243
Lembra-te de mim, mas ah! esquece o meu destino	253
Sobre a alegria	259
Bibliografia	273
Agradecimentos	283



## Palavras prévias

São duas as palavras prévias. Uma sobre a capa, outra sobre os textos.

Começa-se pela primeira. A capa foi concebida a partir de um desenho da minha mãe, que eu, desde pequena, tentei imitar sem qualquer êxito.

Nunca, nunca fui capaz de manter o rigoroso fluido criado pelas ligações magnéticas entre as linhas perpendiculares e horizontais, inscritas nos braços de uma cruz grega.

Era muito frequente vê-la desenhar esta figura fascinante. Nela as águas eternas combinam-se com o magnetismo. Vejo forças cósmicas concentradas, nas quais vibra a férrea necessidade, caminhos que não se bifurcam, pois neste arabesco reina o contínuo, uma dança ininterrupta. Respira-se uma harmonia triunfante, assustadora.

Esta versão — caneta de feltro sobre guardanapo de papel — foi feita pela minha mãe na sua idade alta. Observe-se a perícia admirável, tanto mais que se trata de um papel que ameaça romper-se a cada pressão menos delicada. Por outro lado, este fez valer os seus direitos, pois o seu poder de absorção deu origem a uma duplicação da figura, criando, desdobrado o pequeno guardanapo, uma simetria, ligeiramente deslocada, exaltante e enigmática. Além disso, a sua transparência enevoadá é o melhor de todos os fundos. A nossa vida está aí. E a cercadura, surpreendida pela primeira vez, é fronteira e protecção dos espíritos que vagueiam pelo dia alegre, o dia pensante, os dias fatais.

Quanto à segunda palavra, apenas me ocorre dizer amálgama, no sentido goethiano (alquímico), de preferência. Duas indicações apenas, os textos foram escritos entre 2003 e 2016, e a ordem não é cronológica.

Salvo outra indicação, as traduções são da minha responsabilidade.

## Para onde vai a luz quando se esconde?

Como todas as perguntas que uma criança poderia fazer, esta é uma bela pergunta, e não se deve confundir com a pergunta pela invisibilidade, pois o esconder tem a ver com o nosso ponto de vista, com isso de vivermos sobre a terra — a invisibilidade parece entoar um lamento por vivermos aqui —, e com os movimentos que ele implica: a luz pôs-se atrás dos montes, caiu no mar ou deslizou para os rios infernais, para fazer a sua travessia secreta, o dia conheceu a sua interrupção e fica à espera. A criança também esconde os seus tesouros e inventa jogos de esconder, em que se surpreendem os sentimentos decisivos a formar-se: o medo, a angústia, a inquietação, o humor, o fazer de conta. Na verdade, esconder tem sempre uma forma representativa agónica, isto é, dramática: personagens agindo uns com outros, alterando-se uns aos outros, a rapariguinha transforma-se em mãe quando esconde a almofada ou a bola debaixo da saia. Esse jogo intensifica-se quando surge a “domadora de deuses e homens” [*Ilíada*], a noite, a reunião inteira de todos os esconderijos, dos extremos aos íntimos, e olha para nós. Trata-se do motivo *light*, para dizer como Manuel Gusmão:

Trata-se pois de se ter sentado procurando o olhar  
o olhar da noite que o olha. Longamente o fita —

.....  
Seria este o motivo *light*: o interruptor:

O que interrompe e fecha é o que abre e acende.

Dizes: alguém carregou no interruptor; o tempo

interrompeu-se e a noite olha o corpo do homem  
que não espera nem desespera; está.

.....  
*Tradução / Teatros do tempo*

O dia nasce, a noite só pode cair, cair sobre nós, acendem-se as lâmpadas e compõem-se hinos, onde não se pede para ela regressar. Antes da aurora se anunciar, a aurora que “bate no rosto”, louva-se o seu aparecimento, faz-se o voto de ela voltar mais uma vez. Na noite celebramos a eterna despedida, o eterno retorno, ao invés, só pode ser uma vocação do dia, da luz do dia.

A noite que retorna assemelha-se a uma ameaça, a noite que é uma imposição da vida, da parte de escuridão da vida, parte que Benjamin considera não chegar a conhecer a redenção, numa carta a F. C. Rang de 1923. Mas com a noite voltam as estrelas, para ele um outro nome para as obras de arte, que não salvam a noite (a noite transfigurada mas não salva), só a iluminam. O que é pouco e é muito, e talvez seja tudo. Alguns anos antes, em 1916, também numa carta, agora a Herbert Belmore, ele tinha visto que na noite, durante a noite, não nos valem os símbolos, pontes ou outros, as passagens da noite pedem um outro auxílio: “caminhar com um passo fraterno ao lado de alguém.”

Da nossa noite ninguém nos pode salvar (o abismo pertence tanto ao coração bom como ao coração mau, escreveu S. Agostinho) e em certo sentido, para continuarmos a ser o que somos, ela não nos pode ser tirada. Disto, o melhor exemplo é a história da anémone que Rilke viu uma noite em Roma, pois ela, ao contrário “das suas irmãs”, abandonou-se à noite, não se fechou, absorvendo tudo aquilo que não estava preparada para absorver. O poeta sente-se como essa anémone.

Na terra os seres dividem-se em diurnos e nocturnos. A divisão, porém, não é simétrica, pois o sol faz valer os seus direitos. Quando a luz se esconde, a noite entrega-os ao sono — sempre me impressionou essa entrega —, que nos acompanha no nosso desejo de luz, trazendo-nos os sonhos e as vidências, nós os que vivemos sobre a terra e não dentro dela ou no fundo do mar. Há quem goste de fazer escuro, de fechar as portadas das janelas, de impedir a passagem da luz, escapando à influência do dia. Para esse, a luz nunca se esconde.

Entre os Gregos, os deuses encontraram um nome para um gênero de diurnos, os efémeros, que são capazes, mesmo sentindo as forças a ceder logo que a luz se esconde, de vigiar, de guardar a noite. E, também entre os Gregos, houve quem tivesse descoberto que nessa noite talvez haja um indomável, um que não nos deixa ter segredos: “Como havemos de esconder-nos daquele que não adormece?”

A criança que tenta apanhar o sono, no momento em que ele vem ter com ela, talvez esteja a surpreender esse indomável.